

O CARÁTER PERFORMÁTICO DOS DISCURSOS GORGIANOS

Thatiane Santos Meneses

Doutoranda em Filosofia. Universidade Federal de Sergipe. Aracaju, Sergipe, Brasil. E-mail: thatianesm@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8997-815X>.

Resumo: A presente pesquisa tem por objetivo analisar os elementos que dão ao discurso gorgiano um caráter performático. Górgias de Leontinos é reconhecido por estudiosos do movimento sofista como um de seus principais representantes e o motivo se deve ao fato de Górgias ser dotado de um grande poder persuasivo, relacionado ao uso frequente de figuras de linguagens em suas preleções. Além disso, o sofista utiliza a tragédia grega como pano de fundo de algumas de suas obras. A pesquisa tem como objetivos específicos investigar quais foram os meios utilizados por Górgias na elaboração de seus enunciados e mensurar a implicação dos métodos empregados. O tema é relevante para a compreensão do estilo do discurso retórico de Górgias.

Palavras-chave: Retórica. Figuras de Linguagem. Trágico.

Abstract: The present research aims to analyze the elements that give Gorgian speech a performative character. Gorgias de Leontinos is recognized by scholars of the sophist movement as one of its main representatives and the reason is due to the fact that Gorgias is endowed with great persuasive power, related to the frequent use of figures of speech in his lectures. Furthermore, the sophist uses Greek tragedy as a backdrop for some of his works. The specific objectives of the research are to investigate the means used by Górgias in preparing his statements and to measure the implications of the methods used. The topic is relevant to understanding the style of Gorgias' rhetorical speech.

Keywords: Rhetoric. Figures of Speech. Tragic.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por objetivo o estilo do discurso gorgiano, notadamente conhecido por seu caráter eloquente (e por que não dizer performático?). Com o intuito de chamar a atenção das pessoas, Górgias de Leontinos¹ utilizava em seus discursos vários elementos retóricos, sendo os mais recorrentes o uso das figuras de linguagem e aspectos da tragédia grega.

Górgias pertenceu ao movimento filosófico denominado de Sofistas. O referido grupo teve uma grande atuação em Atenas no século V a.C., período de estabelecimento da democracia ateniense, sob a égide do estadista Péricles. Os sofistas despontaram como professores de técnicas de persuasão aos jovens atenienses, de modo que estes pudessem discursar e expor suas opiniões sobre quaisquer assuntos, além de despertar nesses jovens o interesse por uma vida pública. Pesquisadores² consideram Górgias como um dos principais integrantes deste movimento.

Pouco se sabe sobre a vida de Górgias. Das poucas certezas que se tem sobre o sofista é de que ele era natural da cidade de Leontino, colônia grega da Sicília; foi discípulo de Empédocles; fizera uma viagem para Atenas, por volta dos anos 427 a.C., a fim de atuar como embaixador de Leontinos com a missão de persuadir o governo ateniense a prestar assistência militar ao seu povo contra Siracusa. Há registros de que esta foi a primeira vez que Górgias chamou a atenção dos atenienses para seus discursos³.

Górgias de Leontinos era muito conhecido em sua época pela sua capacidade de discursar sobre qualquer tema⁴. Os poucos textos que nos chegaram versam sobre diversos assuntos que eram temas das recorrentes discussões na Atenas do século V a.C., são eles: *Elogio de Helena*, *Defesa de Palamedes*, *Epitáfio*, *Tratado do Não-Ser*, *Discurso Pítico* e *Discurso Olímpico*.

É impossível comentar sobre a produção discursiva de Górgias e não mencionar o seu interesse pela retórica, especialmente porque o leontino era notadamente conhecido como mestre desta arte⁵. Para o sofista de Leontinos, a retórica é a arte do *logos* e envolve questões para além do discurso, a exemplo do caráter do orador. Para ele, a retórica é algo tão forte que é capaz de influenciar as pessoas e isso justamente por conta do poder persuasivo que acompanha o exercício de se fazer um bom discurso retórico.

¹ Há na literatura diferentes maneiras de referir-se a Górgias. Leontino (Untersteiner), Leônio (Filostrato), Leontini (Kerferd, Guthrie e Casertano), Leontinos (Jaeger, Romilly e Dinucci), são algumas das formas como os estudiosos se referem ao sofista. Tais referências devem-se às distintas denominações recebidas pela cidade que o filósofo nasceu. Nesta pesquisa filiamo-nos aos pesquisadores Jaeger, Romilly e Dinucci.

² Guthrie (2007, p. 250); Kerferd (2003, p. 21); Romilly (2017, p. 46).

³ Casertano (2010, p. 61); Guthrie (p. 25 e 251); Kerferd (2003, p. 79); Untersteiner (2012, p. 151).

⁴ Platão. *Mênon* (70b-c) e *Górgias* (447-d).

⁵ Romilly (2017, p. 127).

Ao contrário do que muitos defendem, o estudo sobre a retórica não foi iniciado por Aristóteles. Sua criação é atribuída aos sicilianos Córax e Tísias, ocorre que o registro escrito mais antigo que chegou até nós a respeito do tema, são as compilações do estagirita. É importante ainda que se diga que num primeiro momento a retórica foi utilizada no meio jurídico como argumento da probabilidade, talvez por isso dos 06 registros discursivos deixados por Górgias, 02 são defesas jurídicas.

Aristóteles, em sua obra *Retórica* (1354a1) sustenta que a “retórica está em todas as outras ciências. Não pertence a nenhuma em específico”. Para o estagirita (1355b30), a arte retórica seria definida como “faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra de próprio para criar a persuasão”. Mais adiante ele complementa falando que “aquilo que é persuasivo o é para alguém, e algo é persuasivo quer porque é de imediato e por si só evidente, quer porque parece ser demonstrado a partir de outras premissas que são elas, persuasivas e convincentes” (1356b30).

Para os estudiosos da língua, temos que a retórica está intimamente ligada com a preocupação que os efeitos do discurso, seja ele oral ou escrito, provocam nas pessoas. É importante frisar que a retórica sempre teve como mote analisar a reação que um discurso provoca nas pessoas. Um discurso pode gerar um menor ou maior impacto em sua plateia por meio da utilização de diversos elementos: as palavras utilizadas, o modo como o orador se apresenta, a capacidade do orador em despertar ou não emoções em seus ouvintes, dentre outros. Todos esses elementos compõem o estilo do autor do discurso. Como bem explicitado por Henriques (2011 p. 32), “seja na retórica clássica, seja na prática contemporânea da construção de um texto, há um agente da ação de linguagem que se concretiza como discurso”.

O presente trabalho possui relevância tendo em vista a escassez de trabalhos que tratem detidamente sobre o estilo discursivo de Górgias, tendo como ponto de partida de análise os textos gorgianos *Elogio de Helena*, *Defesa de Palamedes* e *Epitáfio*, e não as impressões encontradas nas obras de Platão.

A metodologia empregada na pesquisa foi a bibliográfica, a qual se operou por meio de uma leitura filológica, bem como da análise filosófica analítica detalhada do material secundário, composto basicamente de obras que tratam do movimento sofista e especialmente os discursos gorgianos, bem como obras que versam sobre os estilos discursivos.

1. A CONSTRUÇÃO DA FAMA DE GÓRGIAS DE LEONTINOS

Como dito anteriormente, um fato que é consenso entre os pesquisadores dos sofistas é que Górgias, por volta dos anos 427 a.C., fizera uma viagem para Atenas a fim de atuar como embaixador de Leontinos. A missão de Górgias era, em verdade, um desafio: persuadir o governo

ateniense a prestar assistência militar ao seu povo contra Siracusa, ou seja, convencer os atenienses a lutarem em uma guerra que, ao menos a princípio, não era deles.

Sobre este feito de Górgias, Untersteiner (2012, p. 151) relata:

O primeiro acontecimento cronologicamente seguro de sua vida refere-se à embaixada que lhe foi outorgada por sua pátria, Leontino, e que ele comandou em 427 a.C., em Atenas, para pedir ajuda contra Siracusa, que se tornava cada vez mais poderosa, a ponto de provocar a união, para seu próprio dano, das cidades de Calcídia. Górgias, que sem dúvida referiu-se ao tratado de aliança de 433 a.C., conseguiu seu objetivo, mas Atenas não se empenhou, e a ação terminou em 425 a.C. com um fracasso, ainda que tenha sido a causa remota da intervenção de Atenas na Sicília.

Depois de ter atingido o seu intento, Górgias voltou para sua cidade natal, retornando para Atenas algum tempo depois para aproveitar o momento glorioso que a *pólis* vivia: intensas mudanças políticas e sociais, o que lhe garantia um campo fértil para o desenvolvimento de seu trabalho como retor e professor. Há registros de que a beleza dos discursos gorgianos era tamanha, que boa parte da população se reunia em praça pública para ouvi-lo, chegando a chamar os dias em que o sofista ia palestrar de feriados.

Outro ponto importante que fez com que a fama de bom retor de Górgias corresse por toda *pólis*, era a sua “ousadia” em questionar a assembleia sobre qual assunto eles desejavam ouvir. Tal façanha ficou registrada nas obras *Mênon* (70a-c) e *Górgias* (447c-d), ambas de Platão. Além de ser mencionada por outros filósofos, a exemplo de Cícero e Filóstrato. O sucesso de Górgias foi tamanho que se conta que foi construída uma estátua de ouro maciço para homenagear o sofista de Leontino.

Já estabelecido em Atenas, Górgias começa a lecionar em troca de pagamentos, especialmente para os jovens, tendo conseguido juntar grande fortuna. O seu método de ensino, assim como o de alguns outros sofistas, consistia em passar sabedoria de uso prático, tanto no campo da política, quanto no campo na arte retórica. Saber se comunicar, ser ouvido, ter a atenção do público, e o principal: preparar seus alunos para todo tipo de discurso. Como destaca Guthrie (2007, p. 52), “constituía parte da instrução retórica ensinar o aluno a argumentar com igual êxito sobre ambos os lados da questão”.

Não demorou muito para que Górgias conquistasse grande participação na atividade política e intelectual da cidade de Atenas, o que confirma a importância de sua atuação no funcionamento da *pólis* grega, especialmente nos idos do século V. a.C.. A respeito disso, Jacqueline de Romilly (2017, p. 315-316) relata que teria tornado tradição a leitura de um discurso gorgiano na abertura dos jogos pan-helênicos:

Com Górgias, uma vez mais, é um sofista que toma a frente e inicia o que se tornará uma grande tradição clássica. É provável que se tratasse, em parte, de uma manifestação a serviço dos anais da retórica; porém, os breves testemunhos que se conservaram não permitem duvidar da força das ideias expressas por Górgias, nem de sua autoridade. Sabe-se que o discurso elogiava os jogos e é citada uma frase relativa àquelas qualidades que implicam semelhante competição. Mas, sobretudo Filostrato, em *Vidas dos Sofistas*, deixou-nos um resumo que diz assim: “Ao ver a Grécia assolada por guerras internas, Górgias fez-se seu conselheiro falando a favor da boa concórdia (*homónoia*), voltando-a contra os bárbaros e recomendando fixar como troféu para suas armas, não as suas cidades comuns, mas o país bárbaro” (Romilly, 2017, p. 317).

Sobre o poder de persuasão de Górgias, Capizzi assevera:

Com efeito, Górgias tinha em mente uma só ideia séria: convencer seu auditório de que qualquer tese é sempre demonstrável, desde a inocência de Helena e de Palamedes até a inexistência da realidade com a condição de conhecer-se muito bem este “grande poderoso” que é o raciocínio; e de que, em consequência, aquela que deseja ser o vencedor no tribunal ou na ágora deve confiar-se, pagando o preço corrente à escola dos retóricos (Capizzi, *apud* Marques, 2017, p. 76).

Ainda sobre os discursos gorgianos, merece destaque a observação feita por Untersteiner, ao afirmar que “Górgias tornou-se orador e quis transformar a aparência em realidade, por meio da persuasão de seus ouvintes. Assim atribuiu também à física e à erística certa força capaz de despertar a aparência da verdade” (Untersteiner, 2012, p. 150), demonstrando que o poder persuasivo de Górgias era realmente algo notável e merecedor de observação. E o sofista vai mais além, para ele, a efetividade de um discurso está intimamente ligada à influência que este exerceu no íntimo de seus interlocutores, tendo em vista o forte o poder das palavras⁶.

Com isso, podemos afirmar que o leontino, além de popularizar o ato de ir às praças públicas e assembleias para ouvir as preleções dos que se dispunham a falar em público, traz uma nova forma de apreciação dos discursos, transportando os sentimentos do homem para o centro da fala, por entender que o *logos*⁷ seria capaz de levar o homem a tomar consciência das coisas nas

⁶ “(8) Se o discurso a persuadiu e sua alma enganou, não é difícil, quanto a isso, defendê-la e, assim, liberá-la da responsabilidade. O discurso é um grande e soberano senhor, o qual, com um corpo pequeníssimo e invisibilíssimo, diviníssimas ações opera. É possível, pois, pelas palavras, tanto o medo acalmar e a dor afastar quanto a alegria engendrar e a compaixão intensificar. Que assim são essas coisas, mostrarei.

(9) É necessário também mostrar, pela opinião, aos ouvintes. Considero e designo toda poesia discurso metrificado. Um estremecimento de medo repleto de espanto, uma compaixão que provoca lágrimas abundantes, um sentimento de nostalgia entra no espírito dos que a ouvem. A alma é afetada – uma afecção que lhe é própria –, através das palavras, pelos sucessos e insucessos que concernem a outras coisas e outros seres animados. Mas passemos de um a outro discurso” (Górgias, *O Elogio de Helena*).

⁷ A palavra grega *logos* possui uma série de significados. Segundo Kerferd (2003, p. 143-144), seus principais usos dizem respeito a três áreas. A primeira é a da linguagem, na qual recebe o significado de fala, discurso, declaração. E é neste sentido que o *logos* é empregado pelos sofistas. A segunda está na área do pensamento, significando, portanto, reflexão, raciocínio, explicação. Por último, temos o *logos* na área do mundo, tratando especificamente sobre a capacidade que os homens possuem de falar e pensar, a exemplo da criação de princípios, fórmulas e leis naturais.

quais está imerso. Deste modo, temos que Górgias consegue agregar a população para o centro das discussões da pólis grega.

2. A PERFORMANCE DOS DISCURSOS GORGIANOS

Um dos diferenciais dos discursos gorgianos diz respeito a sua técnica de argumentação e persuasão, atrelada ao bom uso das palavras. Górgias considerava de suma importância à análise da intenção das palavras que eram ditas e não ditas no discurso, pois elas constituíam o ponto principal do uso performático da retórica e da persuasão. E mais, era preciso observar o *kairós*, o momento oportuno para dizer ou deixar de dizer algo.

O sofista considerava que a escolha correta das palavras estava ligada ao sucesso do discurso e isso se deve muito à definição que Górgias (Platão, *Górgias* 450bc) dava a arte retórica, na medida em considerava que esta arte “não consiste em ofício manual desse gênero; pelo contrário, toda a sua ação e realização se fazem mediante discursos”.

Essa valorização das palavras é notada pelo uso constante das figuras de linguagem, o que os pesquisadores costumam chamar de “figuras gorgianas”. E a respeito das chamadas “figuras gorgianas”, convém destacar os apontamentos feitos por Lauro de Moraes:

[...] Górgias se tornou um exemplo para os outros sofistas através de sua ousadia e do discurso viril e enérgico, utilizando expressões inusitadas e estilo suntuoso para temas grandiosos e, através da quebra de frases e transições repentinas, seu discurso se tornava doce e surpreendente – as assim chamadas figuras gorgianas, às quais nos remeteremos posteriormente. Ademais, ele tinha notória habilidade de improvisar sobre qualquer tema.

[...]

Essas figuras de linguagem existiam esparsamente em alguns autores gregos anteriores ao nosso sofista, mas é somente a partir do uso constante e metódico delas por ele que essas se fixam na prosa grega. Não coincidentemente, elas recebem o nome de figuras gorgianas, quais sejam: (i) antítese: justaposição de frases ou sentenças contendo pensamentos contrastantes; (ii) paronomásia: jogo de palavras frequentemente utilizadas em sentenças ou frases paralelas contendo assonância e trocadilhos; (iii) anadiplose: simples repetição de palavras; (iv) *parechesis*: repetição de sons entre palavras próximas, a aliteração é sua forma mais reconhecível; (v) *homeoteleuton*: repetição de sons no fim de sucessivas palavras ou sentenças para produzir rima; (vi) *pariosis* ou *isoclon*: sentenças ou frases equivalentes em duração e ritmo (Moraes, *apud* Dinucci, 2017, p. 18-19).

Casertano (2017, p.134) revela que dentre os termos gregos, o *logos*, se revela como um dos mais complexos. Ainda segundo o autor, o termo *logos* geralmente indica discurso, mas pode também significar “cálculo, lei, relação, proporção, medida, razão de ser, causa, explicação, frase, enunciado, palavra, definição, livro, raciocínio, argumento, razão, pensamento”. Desta forma, para compreendermos o sentido do termo é mister que se conheça primeiramente o contexto e a finalidade que o autor emprega o *logos* em seu texto.

Segundo Untersteiner, Górgias é “considerado o criador” da prosa artística e uma das principais características da sua prosa seria o uso das “chamadas figuras retóricas, das quais era proclamado o ‘inventor’” (Untersteiner, 2012, p. 293). O referido autor aponta ainda que as chamadas figuras gorgianas possuem “natureza filosófica e linguística” (Untersteiner, 2012, p. 293).

Diodoro de Sículo, adverte que Górgias “foi o primeiro a usar as figuras de linguagem incomuns, que se diferenciavam pela criatividade: antíteses, isocólonas, parissílabos, rimas e algumas outras do gênero” (Sículo in Dinucci, 2017, p. 146). Diante disso, insta repisar quais são as figuras de linguagem descritas como figuras gorgianas: a antítese, paronomásia, anadiplose, *parechema* (parequema), *homeoteleuton* (homeoteleuto) e a *parisois* ou *isoclon* (paralelismo).

Essa frequente utilização das figuras de linguagem por parte do leontino passou a ser uma marca registrada de sua performance discursiva. E neste sentido concordamos com Jacqueline de Romilly, quando ela diz que Górgias teria descoberto “a magia do discurso e os recursos de estilo” (Romilly, 2017, p. 117).

Mais adiante Romilly afirma (2017, p. 120-121):

Desde a Antiguidade se falava das “figuras georgianas”. Os pouco escritos seus que possuímos são ornados com esse estilo em cada linha. Assim, praticando com muitos a antítese, ele buscou repetir o efeito mediante toda classe de procedimentos: as semelhanças de sons finais, ou rimas; a igualdade do número de sílabas; o emprego de termos paralelos, seja em sua formação, na sonoridade ou em seu valor métrico. Uma prosa tão trabalhada dá, tanto quanto a poesia, a impressão de que nenhuma sílaba está lá por acaso.

A estudiosa ressalta ainda que “esse gosto pelas figuras estilísticas era apenas um dos aspectos do qual Górgias se servia para a criação de uma prosa trabalhada, capaz de influir indiretamente nos espíritos e nas emoções” (Romilly, 2017, p. 123).

É imperioso pontuar que as figuras de linguagem se constituem como um recurso extremamente importante para o discurso, seja ele oral ou escrito, pois elas são capazes de explorar o significado das palavras, dando a elas outros sentidos e até mesmo afastando uma estrutura gramatical, de modo que possa ser dado destaque a algum outro elemento. Isso ocorre porque a partir das figuras de linguagem se torna possível extrair diversos elementos fonéticos, morfológicos, sintáticos e semânticos das palavras.

Como dito, as figuras de linguagem podem ser aplicadas em qualquer tipo de produção discursiva e seus usos vão desde o coloquial ao erudito e através de seu uso o enunciador pode expressar com maior ênfase suas ideias e suscitar as emoções de seu público. E Górgias sabia muito bem disso, e uma prova é justamente o uso, por vezes considerado como demasiado, de

figuras de linguagem como recurso estilístico para robustecer o poder persuasivo de seus discursos e essa manobra era percebida por seus contemporâneos, a exemplo de Filóstrato, em *Vida dos Sofistas*, que chama a atenção para o fato de que Górgias, em seus discursos, fazia uso de “palavras poéticas em nome do embelezamento e da solenidade” (Filóstrato *apud* Dinucci, 2017, p. 156).

Para demonstrar esse uso constante das figuras de linguagem citaremos primeiramente o *Epitáfio*⁸, obra que reúne as figuras gorgianas mais recorrentes em seus discursos: a antítese e o paralelismo.

De acordo com Fiorin (2014, p. 138-139) o termo antítese provém do grego *anti*, que significa “em face de”, “em oposição a”, com o grego *tésis*, que quer dizer “proposição”, “afirmação”, “tese”. A antítese tem como propósito ampliar o sentido, de modo a salientar a oposição entre dois segmentos linguísticos, sejam eles palavras, sintagmas, orações ou unidades maiores que o período, com o fim de conferir maior intensidade ao que está sendo dito, mostrando contradições e contrariedades presentes no objeto do discurso. A antítese pode ser composta ainda de negações e afirmações. Tal afirmação faz muito sentido, pois como defendia Saussure (1969, *apud* Fiorin, p. 151, 2014) “só se compreende o sentido, quando se aprende uma oposição”⁹.

No *Epitáfio* temos diversas antíteses já em suas primeiras linhas: “Que qualidades estavam ausentes nestes mesmos homens as quais é necessário nos homens estar presentes? E que qualidades estavam presentes as quais não é necessário estar?” (Górgias, *Epitáfio*, 1). E Górgias segue com mais algumas antíteses no 3º parágrafo: “[...] preferindo mil vezes a doce justa medida à arrogante justiça [...] falar e calar, fazer e deixar fazer o que se deve no momento que se deve”.

O sofista de Leontinos encerra o *Epitáfio* (Górgias, *Epitáfio*, 5) com uma antítese que mostra o seu fazer poético: “Eis aí, porque, tendo morrido, a saudade deles não expirou junto, mas, imortal, vive, nos corpos não imortais dos que já não vivem”.

Mas como mencionado anteriormente, em *Epitáfio* temos outra figura gorgiana que aparece com frequência: o paralelismo. No dizer de Fiorin o paralelismo é uma figura de linguagem de repetição estrutural que tem origem na palavra grega “parallelós, que significa ‘paralelo, de

⁸ Utilizamos a tradução feita pelo Professor Dr. Aldo Dinucci, disponibilizada no livro de sua autoria: *Górgias de Leontinos*, publicado pela editora Oficina do Livro em 2017.

⁹ Saussure é fundador do estruturalismo e autor da teoria do signo linguístico, segundo a qual a língua - unidade básica da expressão – chamada por ele de signo, seria formada pela união de dois símbolos: o significante (imagem acústica) e o significado (conceito gerado). De acordo com o linguista, não existe uma relação obrigatória entre o significante e a coisa, ou seja, o nome não advém da coisa, é preciso uma análise completa do processo de associação do signo para que possamos compreender o significado de algo. Neste sentido, Saussure leciona que: “[...] de um lado, o conceito nos aparece como a contraparte da imagem auditiva no interior do signo, e, de outro, este mesmo signo, isto é, a relação que une seus dois elementos, é também, e de igual modo, a contraparte dos outros signos da língua. Visto ser a língua um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros (Saussure, 2006, p. 133). Daí a ideia mencionada por Fiorin de que a assimilação de um determinado sentido pode advir da oposição entre os signos.

maneira semelhante, análoga” (Fiorin, 2014, p. 138-139). O paralelismo era chamado de isócolo na retórica clássica (iso, “igual/semelhante” e kólon, “membro/parte”). Por meio do isócolo ou paralelismo, temos a repetição de “várias orações ou sintagmas com a mesma extensão e a mesma organização sintática” com o uso de vocábulos diferentes. O paralelismo tem como finalidade intensificar a mensagem veiculada de forma simétrica.

A primeira aparição do paralelismo em *Epitáfio* ocorre em: “impetuosos com os impetuosos, prudentes com os prudentes, intrépidos com os intrépidos, terríveis com os terríveis” (Górgias, *Epitáfio*, 4). Aqui, vemos a seguinte composição frasal: adjetivo + preposição + artigo + adjetivo. Note que além da repetir a estrutura da frase, temos a repetição do adjetivo, que é o mesmo no início e no fim de cada estrofe. A ideia a que Górgias quer dar ênfase nesse excerto é a de que devemos tratar as pessoas na mesma medida/proporção que somos tratados.

A segunda ocorrência do paralelismo que encontramos no *Epitáfio* se dá no excerto: “Não eram inexperientes nem quanto ao inato ímpeto da guerra nem quanto aos amores permitidos, nem quanto ao combate armado, nem quanto ao amor pelas belas coisas da paz” (Górgias, *Epitáfio*, 5). Nessa estrofe, a estrutura que se repete é composta por locução conjuntiva + preposição + predicativo do sujeito. Com essa construção, Górgias pretende intensificar a tese de que os guerreiros tinham plena consciência de suas ações e as consequências que os tempos de guerra ocasionavam em suas vidas.

A terceira e última vez em que vislumbramos o paralelismo no *Epitáfio* é em: “Dignos para com Zeus pela justiça, honestos para com os pais pelo cuidado, justos para com os cidadãos pela honestidade, piedosos para com os amigos pela fidelidade” (Górgias, *Epitáfio*, 5). Aqui vislumbramos a seguinte organização frasal: adjetivo + locução prepositiva + substantivo + preposição + adjunto adnominal. Nesse parágrafo o leontino usa do paralelismo para discorrer a respeito do resultado das ações dos homens que lutaram na guerra.

Deste modo, resta mais que evidente que Górgias possuía uma intenção clara ao utilizar do paralelismo seguidamente, posto que a referida figura de linguagem aparece em três oportunidades, uma após a outra.

Em *A Defesa de Palamedes*¹⁰, também é uma obra repleta das chamadas figuras gorgianas, Já nos primeiros parágrafos é possível encontrar diversas delas. Em todo o texto, as mais recorrentes são a antítese, a epínome, a antimetábole e a poliptoto.

Um exemplo claro de antítese pode ser observado nas primeiras linhas do Palamedes:

¹⁰ Utilizamos a tradução feita por Gabrielle Cavalcante disponibilizada no livro *Górgias de Leontinos* do Professor Dr. Aldo Dinucci, publicado pela editora Oficina do Livro em 2017.

(1) A **acusação** e a **defesa** não constituem uma sentença a respeito da morte, pois a natureza condenou todos os mortais à morte com um voto evidente, no dia mesmo em que surgiu. O perigo está em torno da **honra** e da **desonra**, se devo **morrer justamente** ou **morrer violentamente**, coberto dos maiores ultrajes e da mais vergonhosa culpa (Górgias in Dinucci, 2017, p. 107, grifo nosso).

A epínome, que é a repetição de palavras ou sintagmas de modo aleatório, advém da palavra grega *epinomé* que significa “tenacidade”, “perseverança” e está presente em diversos parágrafos do discurso gorgiano, mas ela se apresenta de forma mais evidente no último parágrafo do proêmio e no primeiro parágrafo dedicado à inocência de Palamedes:

(5) Que o acusador me acusa sem saber **claramente, claramente** sei; pois sei **claramente** nada ter feito dessas coisas; nem sei como alguém poderia saber o que não aconteceu. Mas se ele fez a acusação supondo que as coisas se passaram assim, vos mostrarei de dois modos que não fala a verdade, pois nem querendo eu poderia, nem podendo eu quereria empreender tais feitos. (6) Tratarei **primeiro** este argumento, de como sou incapaz de fazer isso. Com efeito, era preciso haver **primeiro** algum **início** de traição, e o **início** poderia ser uma **conversa**, pois antes de ações futuras, é preciso que aconteçam **conversas primeiro**. Mas como poderiam acontecer **conversas** sem ter acontecido um encontro? E de que modo um encontro aconteceria sem que aquele enviasse alguém até mim ou que alguém de minha parte tivesse ido até ele? Nem mesmo uma mensagem por escrito teria chegado sem um portador (Górgias in Dinucci, 2017, p. 108, grifo nosso).

No parágrafo cinco ainda podemos encontrar a figura de linguagem antimetábole provém das palavras gregas *anti* – “contrário” e *metábole* – “mudança”. Ela considerada como um tipo de quiasmo, que nada mais é que a repetição simétrica de termos em sentidos inversos, e serve para “realçar uma situação contraditória, para enfatizar seres ou eventos que estão em relação especular”, como bem ressalta Fiorin (2023, p. 125).

(5) Que o acusador me acusa sem saber claramente, claramente sei; pois sei claramente nada ter feito dessas coisas; nem sei como alguém poderia saber o que não aconteceu. Mas se ele fez a acusação supondo que as coisas se passaram assim, vos mostrarei de dois modos que não fala a verdade, pois **nem querendo eu poderia, nem podendo eu quereria** empreender tais feitos (Górgias in Dinucci, 2017, p. 108, grifo nosso).

O exemplo de antimetábole demonstrado no excerto acima reflete bem a predileção de Górgias com o jogo de palavras.

Ainda em *A Defesa de Palamedes*, como anunciado, destacamos a presença da figura de linguagem poliptoto, do grego *polyptotos*. A referida figura se traduz na repetição reiterada de uma palavra alterando a sua flexão.

(6) Tratarei primeiro este argumento, de como sou incapaz de fazer isso. Com efeito, era preciso haver primeiro algum início de traição, e o início poderia ser uma conversa, pois antes de ações futuras, é preciso que **aconteçam** conversas primeiro. Mas como poderiam **acontecer** conversas sem ter **acontecido** um encontro? E de que modo um encontro **aconteceria** sem que aquele enviasse alguém até mim ou que alguém de minha parte tivesse ido até ele? Nem mesmo uma mensagem por escrito teria chegado sem um portador (Górgias in Dinucci, 2017, p. 108, grifo nosso).

Do *Elogio de Helena*¹¹, como não poderia deixar de ser, há a ocorrência de diversas antíteses, a exemplo de:

(1) A boa ordem da cidade [é] a coragem [dos seus cidadãos]; a do corpo, a beleza; a da alma, a sabedoria; a da ação, a excelência; e a do discurso, a verdade. O contrário dessas coisas [é] a desordem. Em relação, pois, a um homem e a uma mulher, a um discurso e a uma ação, a uma cidade e a um negócio de Estado, é necessário tanto **honrar pelo elogio público o que merece o elogio público quanto infligir repreensão ao que é indigno**. Igualmente, pois, é erro e ignorância **tanto reprovar as coisas louváveis quanto louvar as coisas criticáveis** (Górgias in Dinucci, 2017, p. 67, grifo nosso).

[...]

(7) Se foi arrebatada à força, ilegalmente submetida e injustamente tratada com insolência, é evidente que agiu ilegalmente quem tanto a arrebatou quanto a tratou com insolência, [enquanto] ela, sendo tanto raptada como ultrajada, teve má fortuna. Pois é o bárbaro que lançou mãos ao bárbaro empreendimento quem merece [a pena], tanto pelo discurso e pela lei quanto pela ação. Pelo discurso, encontrar-se-á [condenado] pela responsabilidade. Pela lei, à perda de direitos. Pela ação, ao pagamento de uma multa. Ao ter sido submetida à força, privada da pátria e afastada dos amigos, como não, com razão, ela antes inspiraria piedade que difamação? Pois ele fez coisas terríveis, ela sofreu a ação. **É justo ter piedade dela e a ele odiar** (Górgias in Dinucci, 2017, p. 69, grifo nosso).

Podemos citar ainda como exemplo de aparição das figuras gorgianas no *Elogio de Helena*, a epínome e a antimetábole, presentes, respectivamente, no parágrafo quarto:

(4) Gerada em tais circunstâncias, era divina a sua beleza. E o que ela recebeu também não passou despercebido: inflamou **muitos** com **muitos** desejos passionais. Com seu corpo reuniu **muitos** corpos de homens que aspiravam **grandemente a grandes** coisas, dos quais uns possuíam a **grandeza** da riqueza; outros, a glória de nobre e antiga estirpe; outros ainda, a boa constituição da própria força; outros, por fim, o poder da sabedoria adquirida. E todos chegavam sob a influência do invencível Eros, amante das honras da vitória (Górgias in Dinucci, 2017, p. 68, grifo nosso).

¹¹ Utilizamos a tradução feita pelo Professor Dr. Aldo Dinucci, disponibilizada no livro de sua autoria: *Górgias de Leontinos*, publicado pela editora Oficina do Livro em 2017.

Esses são só alguns dos exemplos de figuras de linguagem que podemos encontrar nas obras gorgianas e que são capazes de comprovar que o uso desse recurso linguístico se constitui como um dos elementos que formam o caráter performático de Górgias.

Convém registrar que uma das intenções de Górgias com seus discursos era mexer com as emoções das pessoas, por isso que já àquela época o leontino pontuava que essa deveria ser uma das preocupações precípua do orador, como nos relembra Casertano (2017, p. 96-97):

[...] Como possa ser assim, diz Górgias, eu o explicarei: o discurso “suscita” o sentimento; por exemplo, o discurso da poesia, de todos os tipos de poesia, que outra coisa não são senão um “discurso com metro”: um calafrio de pavor, uma piedade que arranca as lágrimas, um desejo de abandonar-se à dor tomam conta de quem o escuta, e pelas fortunas e os infortúnios de fatos e pessoas desconhecidas a alma sofre, *por meio do discurso* alegria e dor, todas as paixões do homem dependem do discurso, para dizer melhor como o discurso (*diáton lógon*), uma sua própria forma de sofrimento (*idion ta páthema*), escudando fortunas e infortúnios de pessoas estranhas¹².

E segue Casertano (2017, p. 100):

Parece-me que Górgias sublinha contemporaneamente o fato de que o universo do discurso é o universo próprio do homem, do qual não é possível fugir: o discurso plasma a alma porque a persuada, e persuade porque alavanca as nossas faltas, as nossas necessidades, as nossas opiniões enraizadas no nosso passado, no nosso presente, nas expectativas que nós construímos para o nosso futuro; e não é possível fugir desse efeito, quer sejamos atores ou ouvintes de um discurso, porque ele é justamente a dimensão mais propriamente nossa [...].

Para Henriques (2011 p. 154) “a linguagem se integra na ordem dos fenômenos culturais e é condição natural do homem buscar seu manuseio de acordo com suas razões e sentimentos, emoções e instintos”. Mais adiante, o linguista defende que “Emoções e sentimentos se intercambiam, autor e leitor se aproximam, comungando da paixão pelo signo verbal potencializado” (Henriques, 2011 p. 221).

Seguindo esta mesma trilha, Christian Platin argumenta que “há argumentação de uma emoção quando o discurso justifica a atribuição de um experienciado a uma pessoa [...] a intenção do discurso corresponde à conclusão será formulada como um enunciado de emoção” (Platin *in* Mendes, 2010, p. 58). Nas linhas seguintes ele reafirma seu pensamento aduzindo que “o interesse pelo léxico das emoções é partilhado entre psicólogos e linguistas” (Platin *in* Mendes, 2010, p. 60) e alerta que para a léxico-gramática “há argumentação de uma emoção quando a questão que emerge da confrontação discursiva se apoia sobre uma emoção e, como consequência, os discursos

¹² Casertano cita trecho do *Elogio de Helena* (§9°).

que são construídos pelas respostas visam a legitimar uma emoção” (Platin *in* Mendes, 2010, p. 60).

Górgias aponta para o uso do discurso como forma de despertar emoções nas pessoas no Elogio de Helena, ao afirmar:

(8) Se o discurso a persuadiu e sua alma enganou, não é difícil, quanto a isso, defendê-la e, assim, liberá-la da responsabilidade. O discurso é um grande e soberano senhor, o qual, com um corpo pequeníssimo e invisibilíssimo, diviníssimas ações opera. É possível, pois, pelas palavras, tanto o medo acalmar e a dor afastar quanto a alegria engendrar e a compaixão intensificar. Que assim são essas coisas, mostrarei.
(9) É necessário também mostrar, pela opinião, aos ouvintes. Considero e designo toda poesia discurso metrificado. Um estremecimento de medo repleto de espanto, uma compaixão que provoca lágrimas abundantes, um sentimento de nostalgia entra no espírito dos que a ouvem. A alma é afetada – uma afecção que lhe é própria –, através das palavras, pelos sucessos e insucessos que concernem a outras coisas e outros seres animados. Mas passemos de um a outro discurso.
(10) Pois os mágicos e sedutores cantos, através das palavras, inspirados pelos Deuses, produzem prazer afastando a dor. Pois o poder do mágico canto, que nasce com a opinião da alma, encanta-a, persuade-a e modifica-a por fascinação. Duas artes são descobertas: a fascinação e a magia, que são os erros da mente e os enganos da opinião (Górgias *in* Dinucci, 2017, p. 69-70, grifo nosso).

Como bem salientado por Fiorin (2008, p. 120) “O enunciador pode combinar figuras ou temas do discurso de tal maneira que chame a atenção do enunciatário para determinados aspectos da realidade que descreve ou explica”. Deste modo, podemos afirmar que é de suma importância a escolha correta das palavras, para se atingir o efeito esperado do discurso.

Outro elemento característico da *performance* discursiva gorgiana é a utilização de elementos do trágico em suas obras. Dos seis textos que se tem a comprovação de que as autorias são de Górgias, ao menos três versam sobre o trágico. Tanto no *Elogio de Helena*, como em *A Defesa de Palamedes*, o pano de fundo da narrativa é a Guerra de Tróia¹³; já em *Epitáfio*, temos a Guerra do Peloponeso¹⁴.

Como bem observado por Untersteiner (2012, p. 276) “não deve surpreender que Górgias tenha interpretado tragédias áticas, de resto, era costume dos sofistas”. E como era de se esperar

¹³ De acordo com a mitologia grega, a Guerra de Tróia foi um conflito entre espartanos e troianos em decorrência de Páris ter raptado a rainha Helena, esposa do rei Menelau. O rapto teria ocorrido numa visita diplomática que Páris fez à Esparta, quando então o príncipe acabou se apaixonando por Helena. Mas a origem da guerra teria se dado antes do rapto de Helena. Segundo a história, tudo começou numa festa dos deuses para qual Éris, a deusa da discórdia, não foi convidada. Para se vingar, Éris ofereceu uma maçã de ouro à convidada que fosse considerada a mais bela dentre as deusas presentes na festa, gerando assim uma disputa. Para resolver a questão, o deus Zeus exigiu que o príncipe Páris escolhesse a vencedora. Então, Afrodite fez um acordo com Páris: ele a escolheria como a deusa mais bonita da festa. Em troca, a deusa lhe daria o amor da mulher mais bonita do mundo, Helena.

¹⁴ A Guerra do Peloponeso foi um conflito armado entre Atenas e Esparta, que teve seu início no ano 431 a.C., tendo perdurado até o ano 404 a.C.. O principal motivo que ensejou talo conflito teria sido o crescimento do poderio ateniense perante as outras nações, o que levantou certo temor de uma possível submissão entre espartanos.

de Górgias, que pensava muito bem em todos os detalhes do seu discurso, a escolha do trágico como elemento contextual não se deu por acaso. Reviver o trágico se constituía como uma maneira de chamar a atenção da população ateniense para as mudanças que elas estavam presenciando: de um lado o respeito às tradições míticas e o temor aos castigos dos deuses, e de outro a vida sob a égide do regime democrático, que trouxe consigo, em certa medida, um princípio de desligamento das amarras a que a crença aos deuses submetia o povo grego.

Sobre este assunto Bentes leciona que:

[...] O trágico coloca o homem no centro da transgressão, questiona a medida da sua humanidade e leva-o para a dimensão reveladora da via da verdade e da Justiça. O universo da tragédia representa a totalidade da condição humana exposta a um julgamento implacável para a descoberta da verdadeira natureza do homem (Bentes, 2000, p. 107-08).

Ademais, as tragédias gregas demonstravam ainda as novas formas de concepções de justiça que apontavam na Atenas do século V a.C., pois é a partir dos conflitos dos personagens mitológicos que são levantadas discussões acerca dos problemas que perpassavam o cotidiano dos povos gregos antigos, especialmente a tensão entre o humano e o mítico, tão presente nas peças teatrais e obras literárias gregas. As obras de Homero são um bom exemplo dessa característica das tragédias gregas. Na Odisseia o herói Ulisses é sujeitado aos mais variados tipos de conflitos e provações e ele não terá sucesso em seu intento, voltar para sua cidade natal, sem passar e vencer todos os desafios a que é exposto e toda sua luta reflete na vida de sua esposa e filho, e também do povo de Ítaca que sofre com o fato de ter seu governante distante.

Os irmãos Rufino sintetizam magistralmente a relação que o trágico mantinha com a ideia de justiça e de verdade para os gregos antigos:

[...] a estrutura do imaginário sociocultural na Grécia arcaica é de base eminentemente religiosa. Assim sendo, a consciência que foi desenvolvida acerca da justiça não pôde prescindir dessa base, já que toda a compreensão cósmica estava arraigada no solo mítico das divindades olímpicas, que, não obstante, eram referenciais pelos quais se padronizavam as próprias instituições humanas. De tal modo, o *éthos* dessa sociedade acompanhava os parâmetros de ação dos deuses, nas narrativas que os descreviam em todo o processo de surgimento do cosmos, até o seu definitivo ordenamento, firmado por Zeus. E justamente por meio dessas narrativas, poder-se-ia dizer que os costumes se consolidavam, bem como as formas legais de vivência da justiça (Rufino, 2018, p. 46-47).

Para além disso, era comum a influência de Homero na educação dos jovens, tendo em vista que, a princípio, a educação grega ficava a cargo dos poetas e escritores que transmitiam ensinamentos, bem como os valores éticos por meio dos mitos e das epopeias. Vale lembrar que

foi justamente a Guerra de Tróia, objeto de inspiração de dois romances homéricos, que serviu de suporte para dois discursos de Górgias: *o Elogio de Helena* e *A Defesa de Palamedes*.

A respeito da influência de Homero na educação grega, Jacqueline de Romilly ressalta que:

[...] Além do exercício prático da leitura e da escrita, as crianças se especializavam em leitura dos poetas: em Homero e nos líricos. [...]. Homero, sobretudo, era a Bíblia com a qual alimentavam as crianças. E os atenienses tinham compreendido o que nós esquecemos com frequência: que é por intermédio dos textos literários que melhor se aprende a viver em seu século (Romilly, 2017, p. 83-84).

Ainda no tocante ao uso da poesia homérica na educação grega, Werner Jaeger, em sua obra *Paideia – a educação do homem grego* chama atenção para o fato de que ela também influenciou na formação de grandes filósofos do Período Clássico, a exemplo de Platão e Píndaro:

O desenvolvimento das formas espirituais da educação homérica da nobreza, através de Píndaro e até a filosofia de Platão, é absolutamente orgânico, permanente e necessário. Não é uma 'evolução' no sentido seminaturalista que a investigação histórica costuma empregar, mas um desenvolvimento essencial de uma forma original do espírito grego, que, na sua estrutura fundamental, permanece idêntico a si próprio através de todas as fases da sua história (Jaeger, 2013, p. 59).

Assim, resta patente que a escolha de Górgias pelo uso de tragédias homéricas ia além da causalidade, ele queria, sobretudo, mostrar que seus discursos não diferiam de todo daqueles que eram feitos pelos tidos filósofos, a exemplo de Platão.

É imperioso destacar que além de mestre da arte retórica, o leontino possuía afinidade com a poesia¹⁵ e a respeito do caráter poético de Górgias, Untersteiner leciona que a experiência artística da poesia trágica “é figurada por Górgias quando apresenta os efeitos da tragédia em quem está prestes a escutá-la: além do terror e da piedade, ele diz, ela suscita ‘um pesar que acaricia a dor’” (Untersteiner, 2012, p. 185).

O *Epitáfio*, também chamado de Oração Fúnebre, é uma amostra do caráter poético de Górgias aliado à utilização da tragédia. O sofista de Leontinos teria escrito o poema para homenagear os guerreiros mortos na guerra do Peloponeso. O último verso do poema é carregado de figuras de linguagem, apelo às emoções e ao trágico:

O testemunho disso: ergueram, como oferendas a Zeus, os troféus dos inimigos, oferendas de si mesmos. Não eram inexperientes nem quanto ao inato ímpeto da guerra nem quanto aos amores permitidos, nem quanto ao combate armado, nem quanto ao amor pelas belas coisas da paz. Dignos para com Zeus pela justiça, honestos para com os pais pelo cuidado, justos para com os cidadãos pela

¹⁵ Aristóteles menciona essa aproximação de Górgias com a poesia na *Retórica* (1404a25).

honestidade, piedosos para com os amigos pela fidelidade. Eis aí porque, tendo morrido, a saudade deles não expirou junto, mas, imortal, vive, nos corpos não imortais dos que já não vivem (Górgias in Dinucci, 2017, p. 84).

Os últimos parágrafos do *Palamedes* também são exemplos de como Górgias trabalhava a ideia da tragédia em suas obras:

(35) Se, por meio das palavras, a verdade dos fatos surgisse pura e evidente aos que ouvem, a sentença seria fácil a partir do que já foi dito; uma vez que não é assim, vigiai o meu corpo, guardai mais tempo e decretai a sentença de acordo com a verdade. Pois é grande o perigo, ao vos mostrardes injustos, de destruir uma reputação e adquirir outra. Para os bons homens, é preferível a morte a uma reputação vergonhosa: pois aquela é o fim da vida, enquanto esta é doença. (36) Se injustamente me condenardes à morte, será evidente para muitos: pois eu não sou desconhecido, e a vossa maldade será bem conhecida e evidente para todos os helenos. Vós tereis toda a culpa evidente, não o acusador: pois em vós está a decisão final do julgamento. E não poderia haver erro maior que este. Não só cometereis um erro comigo e com meus genitores ao julgardes injustamente, mas vós próprios sabereis perfeitamente haver cometido um ato terrível, ímpio, injusto e ilegal, condenando à morte um homem aliado, útil a vós, benfeitor da Hélade. Helenos contra um heleno, sem terdes demonstrado qualquer evidente injustiça ou acusação credível (Górgias in Dinucci, 2017, p. 117-118).

A história de Helena, por si só, já nos remete à tragédia grega, e Górgias traz para o seu texto uma carga dramática muito forte. Para exemplificar o trágico no *Elogio de Helena*, destacamos os excertos dezesseis e dezessete, onde o sofista traz a ideia de dor, terror, medo, sofrimento, entre outros sentimentos que nos apresenta a situação penosa pela qual estava passando Helena.

(16) De fato, por exemplo, quando a vista contempla a formação e os corpos dos inimigos, diante do armamento de bronze e de ferro, tanto das armas de defesa quanto das armaduras, a visão é agitada e agita a alma, de modo que, frequentemente, tomados de terror, [muitos] fogem do perigo iminente como se esse estivesse presente. Pois a maneira de ser habitual é banida graças à visão, a qual, ao chegar [à alma], faz negligenciar tanto o que é decidido pela lei quanto o bem que advém pela vitória. (17) A partir disso, alguns que veem coisas terríveis perdem, neste preciso momento, a presença de espírito, de modo que o medo extingue e expulsa a reflexão. Muitos recaem em inúteis sofrimentos, em terríveis doenças e em loucuras difíceis de curar, de tal modo a visão grava [na alma] as imagens das coisas vistas. E muitas coisas apavorantes são omitidas [desse discurso], mas as coisas omitidas têm o mesmo valor das coisas ditas (Górgias in Dinucci, 2017, p. 72-73).

Podemos depreender que a escolha do trágico possui íntima relação com a intenção de provocar emoções na plateia, o apelo ao *pathos*. o trágico se constitui como inspiração e elemento

muito importante para o discurso gorgiano, mas não só. O trágico compõe, juntamente com o já mencionado uso das figuras de linguagem, o caráter performático de Górgias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro passo para o sucesso da atividade enunciativa é a tomada de consciência de que o enunciador não está sozinho. Ele precisa, necessariamente, de uma relação com o produto que está sendo enunciado e com o outro, com o seu público. Isso ocorre porque o ato de comunicar, de discursar para uma plateia já é, por sua natureza, algo que necessita da interação com o outro. Para que uma pessoa seja ouvida e, principalmente, obtenha a atenção de seus ouvintes precisa compreender que o fazer discursivo não é algo solitário, seja essa comunicação oral ou escrita.

Para que o enunciador alcance uma interação com seus espectadores, ele precisa levar em consideração vários aspectos, a saber: o local onde o discurso será proferido, para quem ele será proferido, quanto tempo durará a enunciação e quais são os sentimentos que se quer despertar no outro. Quando o discurso é feito oralmente, como na maioria das vezes fazia Górgias, a interação comunicador/comunicado é percebida pelas reações da plateia.

Estudos apontam que a eloquência discursiva do leontino estava ligada ao seu interesse e zelo pela língua. Górgias considerava o conhecimento das palavras uma aliada inseparável de um bom discurso. Não à toa, ele utilizava vários recursos estilísticos em seus discursos retóricos para dar força à mensagem que estava sendo veiculada. Em muitas oportunidades, o leontino fez uso das figuras de linguagem, as chamadas figuras gorgianas, para dar ênfase em suas comunicações e despertar em seus ouvintes as mais variadas sensações.

As figuras de linguagem têm o poder de aproximar os ouvintes/leitores de seu comunicador, auxiliando o orador a conduzir seu público para a emoção desejada (raiva, piedade, medo, dentre outras). A opção pelo uso das figuras tem, portanto, explicação psicológica. Quando um comunicante conhece o seu público e a potência das palavras, se torna quase impossível não convencer a plateia da ideia que está sendo defendida. Além disso, o uso das figuras de linguagem tem um papel muito importante nos estudos linguísticos, pois elas auxiliam no entendimento da passagem que está sendo veiculada.

Esse uso constante das figuras de linguagem e outros elementos discursivos foram alvos de muitas críticas ao estilo gorgiano, notadamente fomentados pelas críticas que Platão tecia à época. No entanto, não se pode olvidar que essa preocupação com o discurso enriqueceu os estudos acerca do estilo retórico e é utilizado até os dias atuais como exemplo em diversas obras que versam sobre estilo discursivo, especialmente quando o assunto é a retórica clássica.

Deste modo, resta claro o motivo pelo qual os discursos de Górgias eram tão eloquentes e faziam demasiado sucesso em Atenas: ele conhecia as palavras e, como dito, tinha admiração pela linguagem. Compreendendo esta premissa, fica fácil inferir que qualquer que fosse a figura de linguagem empregada, Górgias conseguiria atingir o fim do seu discurso que era, antes de tudo, convencer o público de sua tese.

Como vimos, além do uso das figuras de linguagem, Górgias utilizava o trágico como elemento marcante de seus discursos. A ideia do trágico, por si só, já era capaz de despertar nas pessoas muitas emoções, tais como compaixão, medo e aflição. Além disso, não podemos esquecer as primeiras normas e teorias elaboradas em Atenas sofreram forte influência das tragédias gregas. Sendo, portanto, essencial rememorar a tragédia grega nas assembleias.

Assim, aliar o trágico com o emprego das palavras certas no momento oportuno, o *kairos*, e utilizar de argumentos que, acima de tudo, apelavam para o *pathos* dos ouvintes, conferiu a Górgias o título de um dos mais, se não o mais, importante representante do movimento sofista. Além de atribuir aos seus discursos um caráter solene e poético, que é reconhecido por estudiosos do campo da filosofia e da linguística até os dias atuais.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. [384-322 a.C.]. *Retórica*. 2 ed., revista. [Obras completas de Aristóteles. Coordenação: António Pedro Mesquita. Tradução e notas: Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena]. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.
- BENTES, Hilda Helena Soares. *A teoria grega de justiça na interface com o trágico: dos pré-socráticos a Platão*. 2000. Tese (Doutorado em Direito) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, São Paulo, 2000.
- CASERTANO, Giovanni. *Sofista*. Tradução de José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2010.
- CASSIN, Barbara. *O efeito sofístico: sofística, filosofia, retórica, literatura*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Maria Cristina Franco Ferraz e Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2005.
- DINUCCI, Aldo. *Górgias de Leontinos*. São Paulo, Oficina do Livro, 2017.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FIORIN, José Luiz. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.
- FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2017.
- GÓRGIAS de Leontinos. Defesa de Palmedes. In: DINUCCI, Aldo (org.). *Górgias de Leontinos*. Tradução de Gabrielle Cavalcante. São Paulo, Oficina do Livro, 2017.

GÓRGIAS de Leontinos. Elogio de Helena. In: DINUCCI, Aldo (org.). *Górgias de Leontinos*. Tradução de Aldo Dinucci. São Paulo, Oficina do Livro, 2017.

GÓRGIAS de Leontinos. Epitáfio. In: DINUCCI, Aldo (org.). *Górgias de Leontinos*. Tradução de Aldo Dinucci. São Paulo, Oficina do Livro, 2017.

GUTHRIE, W. K. C. *Os Sofistas*. 2 ed. Tradução de João Rezende da Costa. São Paulo: Paulus, 2007.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Estilística e discurso: estudos produtivos sobre texto e expressividade*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

JAEGER, W. *Paidéia: a formação do homem grego*. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

KERFERD, G. B. *O movimento sofista*. Tradução de Margarida Oliva. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. São Paulo: EDUSP, 2008. Disponível em: https://www.livrebooks.com.br/livros/introducao-a-estilistica-nilce-santanna-martins-_xryirtxcwmc/baixar-ebook. Acesso em: 05 abr. 2022.

MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lucia. *As emoções no discurso*, vol. II. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

MOREIRA, Juzelly Fernandes Barreto. *Estilo, texto e sentido*. Natal: IFRN, 2019. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/1772/Estilo%2C%20texto%20e%20sentido.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 24 mar. 2023.

MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana. *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

PLATÃO. [427-347 a.C.]. *Górgias*. Tradução, ensaio introdutório e notas Daniel R. N. Lopes. São Paulo: Perspectiva, 2016.

PLATÃO. *Diálogos V: O banquete, Mênon (ou da virtude), Timeu, Crítias*. Tradução, textos complementares e notas Edson Bini. Bauru: Edipro, 2018.

PLATÃO. *Diálogos I: Teeteto (ou do conhecimento), Sofista (ou do ser), Protágoras (ou sofistas)*. Tradução, textos complementares e notas Edson Bini. Bauru: Edipro, 2007.

ROMILLY, Jacqueline de. *Os grandes sofistas da Atenas de Péricles*. Tradução de Osório Silva Barbosa Sobrinho. São Paulo: Octavo, 2017.

RUFINO, Eduardo de Almeida; RUFINO, Emmanoel de Almeida. *As origens gregas do direito ocidental*. 1 ed. Curitiba: Appris, 2018.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27 ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2006. Disponível em: <http://paginapessoal.utfpr.edu.br/gustavonishida/disciplinas/linguistica-geral/SAUSSURE%20-1916-%20Curso%20de%20Linguistica%20Geral.pdf/view>. Acesso em: 01 maio 2024.

UNTERSTEINER, Mario. *A obra dos sofistas: uma interpretação filosófica*. Tradução de Renato Ambrósio. São Paulo: Paulus, 2012.

Recebido em: 28/10/2023.

Aprovado em: 11/05/2024.